

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney não quer ser Café Filho

S seja qual for o resultado dos entendimentos para a fusão do Partido da Frente Liberal com o PDS, enganam-se os que pensam que o presidente José Sarney vá mudar sua postura de chefe político da Aliança Democrática, tornando-se líder de uma facção isolada das forças que sustentam o seu governo. Esse foi o comentário ouvido ontem de pessoa próxima ao Presidente da República, aduzindo: Sarney governará com a Aliança, acima dos partidos, como Tancredo governaria.

Nesse aspecto, o Presidente não cometerá o erro de seu antecessor Café Filho, que implodiu a aliança de forças formada pelo presidente Getúlio Vargas, preferindo a parceria exclusiva da UDN.

Sarney vê o futuro e tem o conhecimento histórico de sua posição. Foi o resultado inesperado de uma situação acidental e não vislumbra uma protagonização exclusivista, pelo menos até saber dos resultados da eleição de 86. Até lá, e possivelmente até o final de seu governo, Sarney administrará o espólio da Aliança Democrática, procurando mantê-la como uma capa institucional e política a presidir as futuras equações de poder. Os partidos poderão ser pulverizados — e até desaparecer uns, através da fusão com outros — mas o Presidente da República não se deixará setorizar.

Não desejando repetir Café Filho, José Sarney candidata-se a permanecer, até o final de seu mandato, como um árbitro das negociações produzidas no âmago da Aliança, comandando-as, e levando-as para o objetivo de perenização dos ideais e dos sonhos de Tancredo Neves. É como se uma nova ordem política — e não um regime político — tivesse sido instituída. A diferença é sutil: a ordem depende das instituições (como a Aliança Democrática) e o regime dos homens. Sarney quer fundar sua ordem política, que recebeu de Tancredo, na Aliança Democrática, acima do PMDB, da Frente Liberal ou de seu sucedâneo, e do eventual novo partido de centro que surgir de uma migração do PDS não-malufista para o governo.

O presidente Café Filho, em sua época, não fez dos sonhos de Vargas os seus sonhos, como Sarney agora faz dos de Tancredo, e por isso calu, inicialmente derubado por moléstia coronária. Despre-

zou o comando da aliança de forças que sustentavam o governo, sequer permaneceu com o seu PSP, e bandeou-se para a UDN. Sarney não deseja bandear-se para qualquer das três vertentes da Aliança, como que promovendo-a a uma superestrutura partidária que presidirá a nova ordem política. Com essa estratégia, pretende transitar, sem instabilização institucional, pelo resto de 85 e pelo difícil ano de 86, para, enfim, formar o seu governo e o seu ministério.

VIDIGAL EM PALACIO

O presidente Sarney levou mais um assessor especial para o Palácio do Planalto: trata-se do advogado e ex-deputado Edison Vidigal, especialista em Direito Eleitoral. Vidigal é um dos mais íntimos correligionários de Sarney, e que conhece profundamente o mapeamento político do Maranhão, agora até com a ajuda de computadores.

PERIFERIA, NO MOMENTO

Um perito em decifração das manobras políticas do Presidente da República anota a sutileza em seu comportamento recente: sem ter tido ainda autonomia para formar seu governo, José Sarney, como que revisitando a estratégia de Mao-tsé-Tung, ocupa o campo, para cercar a cidade. Assim, colocou na periferia homens de sua inteira confiança — Vicente Fialho no DNOS, José Reinaldo Tavares na Sudene e Francisco Salles Batista no Projeto Carajás. Os três já são candidatos em potencial ao governo do Maranhão em 86.

ALUIZIO COM NOVIDADES

O ministro Aluizio Alves estava ontem de noite muito contente, falando em novidades.

REFORMA SEM MEDO

Diz o jornalista Oliveira Bastos: Essa reforma agrária não deve inspirar medo aos proprietários. Medo inspiraria a reforma agrária, se o ministro tivesse sido o Bernardo Cabral.

LEONARDO MOTA NETO